



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS I  
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS - CCSA  
DEPARTAMENTO DE ADMINISTRAÇÃO  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO (BACHARELADO)**

**AUGUSTO DAVID BESERRA COSTA**

**PERCEPÇÃO DA ECONOMIA COMPARTILHADA EM CAMPINA GRANDE - PB**

**CAMPINA GRANDE  
2021**

AUGUSTO DAVID BESERRA COSTA

**PERCEPÇÃO DA ECONOMIA COMPARTILHADA EM CAMPINA GRANDE - PB**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento do Curso de Administração (Bacharelado) da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Administração.

**Orientadora:** Prof. Msc. Thayse Andrezza Oliveira Do Bu Araújo

**CAMPINA GRANDE  
2021**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

C837p Costa, Augusto David Beserra.  
Percepção da economia compartilhada em Campina Grande -- PB [manuscrito] / Augusto David Beserra Costa. - 2021.  
29 p. : il. colorido.

Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Administração) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, 2021.  
"Orientação : Profa. Ma. Thayse Andrezza Oliveira do Bu Araujo, Coordenação do Curso de Administração - CCSA."

1. Novos Modelos de Negócios. 2. Sustentabilidade. 3. Economia compartilhada. 4. Economia coletiva. I. Título

21. ed. CDD 658.408

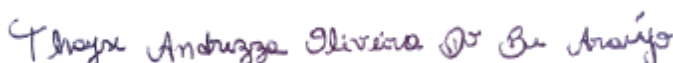
AUGUSTO DAVID BESERRA COSTA

**PERCEPÇÃO DA ECONOMIA COMPARTILHADA EM CAMPINA GRANDE - PB**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento do Curso de Administração (Bacharelado) da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Administração.

Aprovada em: 05 / 10 / 2021.

**BANCA EXAMINADORA**



Prof. Msc. Thaysy Andrezza Oliveira Do Bu Araújo (Orientadora)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

---

Prof. Dr. Geraldo Medeiros Júnior  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Dra. Sibeles Thaise Duarte  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

A todos que ajudaram nesse processo, DEDICO.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Gráfico acerca do gênero dos participantes .....	14
Figura 2 – Gráfico das faixas etárias .....	14
Figura 3 – Gráfico de respostas acerca do uso de redes sociais .....	15
Figura 4 – Respostas para “Você sabe o que é ou já ouviu falar economia compartilhada?” .....	16
Figura 5 – Das conceituações da economia compartilhada .....	16
Figura 6 – Percentual de uso de aplicativos característicos da economia compartilhada .....	17
Figura 7 – Frequência de uso de aplicativos categorizados como economia compartilhada .....	17
Figura 8 – Você já prestou algum serviço através de alguma dessas plataformas?.....	18
Figura 9 – Gráfico sobre obtenção de renda através de aplicativos de economia compartilhada ..	18
Figura 10 – Objetivo da utilização destes aplicativos .....	19
Figura 11 – Gráfico sobre a venda ou troca em aplicativos de economia compartilhada .....	19
Figura 12 – Gráfico de preferência ao selo verde .....	20

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>7</b>
<b>2</b>	<b>A ECONOMIA COMPARTILHADA: SEU CONCEITO E OBJETIVOS..</b>	<b>8</b>
<b>2.1</b>	<b>A adesão da economia compartilhada, estratégia e reflexos.....</b>	<b>9</b>
<b>2.2</b>	<b>Vida sustentável e o pensamento coletivo.....</b>	<b>10</b>
<b>2.3</b>	<b>Relações de Trabalho na Economia Compartilhada.....</b>	<b>11</b>
<b>3</b>	<b>METODOLOGIA .....</b>	<b>12</b>
<b>4</b>	<b>RESULTADOS E DISCUSSÕES .....</b>	<b>13</b>
<b>5</b>	<b>CONCLUSÃO .....</b>	<b>20</b>
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>21</b>
	<b>APÊNDICES .....</b>	<b>23</b>

## PERCEPÇÃO DA ECONOMIA COMPARTILHADA EM CAMPINA GRANDE - PB

### PERCEPTION OF THE SHARING ECONOMY IN CAMPINA GRANDE - PB

Augusto David Beserra Costa<sup>1</sup>

#### RESUMO

Em momentos de instabilidade financeira, surgem dúvidas relacionadas ao mercado financeiro e à situação econômica de um país. Esses momentos são propícios para o surgimento de novos movimentos econômicos, como, por exemplo, a economia compartilhada. Entende-se como relevante desenvolver trabalhos que analisem a percepção da sociedade sobre os efeitos proporcionados pela economia compartilhada. Buscando contribuir neste sentido, o objetivo deste trabalho foi analisar a percepção de uma amostra de cidadãos do município de Campina Grande – PB, sendo este grupo formado por 71 indivíduos que responderam acerca dos efeitos econômicos e sociais proporcionados pela economia compartilhada. Desse modo, os entrevistados foram representados por 42 mulheres e 29 homens, dos quais mais da metade conhecia o termo economia compartilhada, porém uma minoria conhecia a sua conceituação mais completa. Dos entrevistados, 98,5% já haviam utilizado aplicativos de economia compartilhada motivados, principalmente, por custos mais vantajosos (45,1%) e comodidade (40,8%), no entanto, apenas 10% já prestaram algum serviço através destes aplicativos. A partir da capacidade de abordar interesses econômicos alinhados com impactos sociais e ambientais positivos, a economia compartilhada tem recebido atenção nos últimos anos como um modelo promissor para o consumo sustentável, proporcionando facilidade no momento de efetuar compras, conexão e contato entre pessoas conhecidas e desconhecidas, compartilhamento de informações através de *sites* de pesquisa e aplicativos de busca, além de possibilitar fazer negócios e economizar dinheiro.

**Palavras-chave:** Novos Modelos de Negócios, Sustentabilidade, Economia Compartilhada, Economia coletiva.

#### ABSTRACT

In times of financial instability, questions arise related to the financial market and the economic situation of a country. These moments are favorable for the emergence of new economic movements, such as, for example, the sharing economy. It is understood as relevant to develop studies that analyze society's perception of the effects provided by the sharing economy. Seeking to contribute, the objective of this study was to analyze the perception of a sample of citizens of the municipality of Campina Grande - PB, this group consisting of 71 individuals who responded about the economic and social effects provided by the sharing economy. In this way, the participants were represented by 42 women and 29 men, of whom more than half knew the term sharing economy, but a minority knew its more complete conceptualization. Of those interviewed, 98.5% had already used sharing economy applications motivated mainly by more advantageous costs (45.1%) and convenience (40.8%), however, only 10% had already provided some service through these applications. With the ability to address economic interests

---

<sup>1</sup> Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), Departamento de Administração, Campina Grande – PB, Brasil, [augusto.costa@aluno.uepb.edu.br](mailto:augusto.costa@aluno.uepb.edu.br)



aligned with positive social and environmental impacts, the sharing economy has received attention in recent years as a promising model for sustainable consumption, providing ease of shopping, connection and contact between known and unknown people, sharing information through search engines and search applications, and making it possible to do business and save money.

**Keywords:** New business models, Sustainability, Sharing Economy, Collective economy.

## 1 INTRODUÇÃO

Dado os efeitos negativos ao meio ambiente com a sua exploração, a sustentabilidade tem figurado entre os principais debates quando se trata de economia, de uso consciente e até mesmo das ligações sociais que se estabelece.

O aquecimento global e seus efeitos crescentes lançaram luz sobre as muitas questões ambientais globais. O frágil ecossistema do nosso planeta está sob ataque em várias frentes, como resultado da industrialização, da nossa infraestrutura de transporte e tantos outros aspectos que aceleram o crescimento.

São notórios os prejuízos ocasionados pela destruição das florestas, despejo de resíduos e produtos químicos em corpos d'água e gases contaminados na atmosfera.

Dito isso, o interesse por sustentabilidade se refletiu não só na necessidade de um pensamento coletivo e de políticas para preservação do meio ambiente, como também na resposta de empresas e das estratégias para uma produção consciente através de propostas como reuso, resíduos zero e ecologia industrial.

O resultado disso foi uma necessidade de adequação por parte das empresas e dos produtos e serviços oferecidos. O consumidor não deseja apenas o seu produto, mas também espera não impulsionar o desequilíbrio ambiental.

Diante desse cenário, percebe-se que as empresas encontraram no discurso sustentável um meio para se diferenciarem em termos competitivos e até se inserirem em novos nichos de mercado, atingindo públicos que outrora não faziam parte de seu escopo.

Apresentando essa postura, empresas de diversos segmentos vão, estrategicamente, aumentando sua lucratividade sem degradar o meio ambiente, incentivando boas práticas de qualidade de vida.

Deste modo, a economia compartilhada torna-se o mecanismo atual que possibilita o reaproveitamento econômico, social, sustentável e até mesmo sentimental do que viria a ser um bem ou serviço antes unitário, possibilitando um pensamento coletivo e um melhor aproveitamento dos recursos.

Este trabalho analisa a percepção de uma amostra de cidadãos do município de Campina Grande – PB, sendo este grupo formado por 71 indivíduos que responderam acerca dos efeitos econômicos e sociais proporcionados pela economia compartilhada.

Sendo assim, o estudo foi possibilitado em uma análise crítica e através de uma avaliação experimental, sendo ela de origem quantitativa e básica, se utilizando também de uma revisão de literatura para possibilitar analisar e correlacionar o cerne da economia

compartilhada na cidade de Campina Grande-PB, servindo também como base para novos estudos.

## **2 A ECONOMIA COMPARTILHADA: SEU CONCEITO E OBJETIVOS**

Diferentemente da tradicional economia capitalista, a economia compartilhada é baseada no compartilhamento de produtos ou serviços entre usuários dispostos a usufruir ou oferecer estes itens. Tanto recursos físicos quanto humanos fazem parte deste modelo de negócio colaborativo, tais como: veículos, alimentos, serviços, informações, moradias, tecnologias, entre outros.

O termo consumo colaborativo passou a ser utilizado academicamente em 2011 pelos autores americanos Botsman e Rogers. Segundo os mesmos, é uma forma de acomodar os desejos e as necessidades dos consumidores de uma maneira mais sustentável e atraente com menor ônus para o indivíduo. Esse tipo de consumo se caracteriza como uma explosão nas formas tradicionais de troca, as quais têm sido reinventadas através de tecnologias de rede (ROHDEN et al, 2015, p.12).

Pode-se citar como exemplo de empresas bem-sucedidas em processos de economia compartilhada o Uber, e o 99 no setor de transportes, o Airbnb e o Trivago no setor de aluguéis e os aplicativos de delivery como o iFood e Pedidos Já. A essência deste modelo de negócio não é nova, o escambo ou o compartilhamento de produtos ou serviços fazem parte da história humana.

Qualquer pessoa já compartilhou ou emprestou um livro, o carro, açúcar ao vizinho etc. “No entanto, este comportamento nunca afetou a economia, não havia escala e as operações se restringiam geralmente às pessoas próximas” (MENDES; CERROY, 2015).

Durante o processo de expansão do capitalismo, as empresas desenvolvem políticas sociais e de emprego afinadas com as exigências de produtividade e de lucratividade das empresas sob controle do grande capital (ABRAMIDES; CABRAL; 2003). Dessa forma, elas passaram a considerar como interlocutores não apenas os segmentos sociais com os quais estabelecem relações estritamente comerciais ou profissionais.

[...] ao constituírem um modo de produção alternativo ao capitalismo, onde os próprios trabalhadores assumem coletivamente a gestão de seus empreendimentos econômicos, as iniciativas da (economia de compartilhamento/solidaria) vem apontando para soluções mais definitivas à falta de trabalho e renda. (MINISTÉRIO DO TRABALHO apud CARVALHO, 2011, p. 3)

Em contrapartida, essas mudanças são refletidas na própria forma de como a administração caracteriza o elemento sustentabilidade e economia compartilhada para empresas públicas e privadas. Muitas dessas mudanças têm sido compreendidas como estratégias de sobrevivência das organizações em um novo contexto de relações econômicas e sociais. Começa a se fortalecer, então, a noção de que toda empresa deve assumir compromissos éticos

e sociais para com a sociedade e meio ambiente em que atua (OLIVEIRA, 2013; NOVO, 2019) e esse modo de agir vai perpetuando-se.

Novos modelos de negócios são levados a melhorias em processos produtivos e contratação de pessoas com determinado perfil dada à necessidade de inovação e cobrança social por parte destes modelos de negócio para o pensamento sustentável. Isso se deve muito a um consumidor mais exigente. Outro indicador é dado pela crescente importância dos consumidores na sociedade, agora de uma forma mais consciente, cansado da mesmice de mercados saturados e de empresas que oferecem menos por mais.

Desse modo compreende-se que

A economia compartilhada trata-se de um emergente modelo socioeconômico baseado na partilha, aluguel, escambo, troca e financiamentos colaborativos. A partir desse modelo, o consumo colaborativo potencializa-se pela interação entre comunidades e, principalmente, pelo uso das tecnologias de rede. Esse tema está ampliando seu espaço na economia, pois constantemente surgem novas formas de compartilhamento, enfatizando que não é necessário possuir um bem, mas sim ter acesso aos benefícios propostos” (DENNING, 2014; RIFKIN, 2014).

Uma vez conhecido esse consumidor a empresa está sempre explorando novas possibilidades para seu produto, campanha e ou experiência de compra. Um dos fatores que sobram de competitividade nas empresas foi a inovação, capacidade de mudar e se adequar a novos meios de abordagem na era tecnológica e ecologicamente correta, agora, voltada para as margens do sustentável, do não desperdício.

## **2.1 A Adesão da Economia compartilhada, estratégia e reflexos**

As organizações, de modo geral, têm como objetivo a maximização do lucro, mas também estão atreladas à satisfação de necessidades humanas, pois o comportamento econômico de qualquer organização depende de certos costumes, valores e padrões sociais que formam a cultura dentro da qual a organização irá atuar.

Consumo por meio de trocas e compartilhamento vem ganhando espaço no cotidiano dos brasileiros seja pela economia compartilhada ou por meio da sustentabilidade e esse comportamento pode ser visto como uma tendência cada vez mais praticada.

A economia compartilhada pode ser vista como uma forma ainda maior de humanização nas formas de consumir, baseada na troca, colaboração, interação entre pessoas, tudo isso sendo reinventado pelas tecnologias de comunicação. Além do uso eficiente de recursos possibilitando uma reconexão das pessoas entre si e com o território em que elas vivem.

Deste modo, o reflexo do compartilhamento de bens e serviços também pode ser visto no desenvolvimento de um senso de solidariedade e de aproximação com pessoas que sequer se conhecem.

O universo virtual possibilitou ainda mais esse tipo de interação. O desenvolvimento tecnológico tem sido um dos aliados no progresso da economia compartilhada neste cenário, sendo este um grande fomentador do consumo conectado. Esse desenvolvimento “viabilizou a interação entre o vendedor e o comprador, entre a pessoa disposta a oferecer e quem está disposto a utilizar o serviço, gerando assim as transações com caráter de economia compartilhada” (BERTI, 2016).

A economia compartilhada tem mudado de forma estrutural e inevitável a forma como as pessoas se relacionam, aprendem, produzem e consomem.

O compartilhamento nos conecta a outras pessoas, criando um senso de comunidade, economizando recursos e desenvolvendo sentimentos como a solidariedade e a proximidade. É uma forma alternativa de distribuição diferente de bens ou dos serviços e se caracteriza como uma forma alternativa ao mercado como conhecemos (BELK, 2007 apud ROHDEN 2015, p.11).

Percebendo-se que os modelos atuais de atuação e mercados em crise não estão dando conta de demandas como as que temos e situações como ameaças climáticas e pandemias nos fazem sentir também uma sensação não só de incapacidade, mas também um sentimento de uma crise de valores pessoais, que deixa claro que uma sociedade baseada na ganância e competição não tem futuro, se tornando assim cada vez mais clara a necessidade de novas formas de atuação não só das empresas, mas também do indivíduo.

A evolução e o “barateamento tecnológico”, por assim dizer, ou em outros termos, a expansão da internet, permitiu que pessoas com valores, interesses e insatisfações em comum se unissem para propor e adotar, ou pelos menos tentar novas soluções. A generosidade entre essas pessoas não tem limite de idade ou classe social, no geral em busca de um propósito em comum, ajudar o próximo.

## **2.2 Vida sustentável e o pensamento coletivo**

As organizações não podem ser consideradas isoladamente do contexto em que atuam, pois estão intimamente relacionadas à sociedade, na medida em que trabalhadores e empresários não se limitam ao exercício de suas funções dentro da empresa, mas também ocupam posições sociais e desempenham determinados papéis no contexto mais amplo dessa sociedade. Assim, observamos as organizações em toda sua plenitude como instituições sociais, que assumem a tarefa de desempenhar comportamentos socialmente definidos, que promovem ao mesmo tempo sua sobrevivência econômica e sua justificação social.

Para Bostman e Rogers (2011), muitos profissionais como técnicos, pesquisadores, escritores, produtores, e empreendedores identificaram facilmente a necessidade de frequentar espaços compartilhados de trabalho. Todas essas pessoas trabalhavam por conta e juravam não retornar aos padrões de escritórios tradicionais sob as políticas que fazem parte desse sistema. Mas, ao mesmo tempo, ansiavam por uma forma de trabalho em comunidade onde poderiam cruzar ideias cara-a-cara com outros profissionais e assim socializar. É por este caminho de necessidade

humana e profissional que os *coworkings*<sup>2</sup> ganharam cada vez mais adeptos pelo mundo. (CAPOZZI et al, 2018, p.24)

Com a emergente cultura da preservação, inovação e com o advento de uma nova consciência no setor empresarial pautada na valorização da vida, a economia compartilhada passa a ter uma condição imperiosa de investimentos e planos estratégicos, brotando com vitalidade da semente de uma longa jornada de erros e acertos, dilemas e escolhas.

O estado do mundo trouxe evidências de que o conceito de crescimento então vigente é incompatível com a preservação da vida, e essa nova cultura aos poucos vai saindo das fronteiras da idealização e da incoerência, para entrar na esfera da concretude e das novas fronteiras comerciais.

Em se tratando de hábitos de consumo, o cenário atual já não é como há um século, o acesso a produtos e tecnologias popularizou-se, as novas gerações foram surgindo com comportamentos diferentes, a conscientização dos efeitos nocivos da poluição e práticas anti-sustentáveis estão cada vez mais presentes, podemos afirmar que em pleno século XXI, temos visto uma nova maneira com a sociedade adota os hábitos de consumo sustentáveis, acompanhados de muita tecnologia, marketing, praticidade e economia.

O estilo de vida também pode ser colocado nessa questão, as pessoas com interesse em comum se juntam não só para troca de bens e serviços, mas também para a troca de conhecimento e experiências (BOSTMAN e ROGERS, 2011). O foco não é mais a necessidade apenas, mas a forma de como isso é atendido, por exemplo, ao invés de ir numa loja comprar algo que irei usar apenas uma ou duas vezes eu posso comprar algo para uso coletivo e deixar disponibilizado no condomínio onde moro ou nos grupos de Whatsapp entre vizinhos. “Essa urgência prática pode ser para economizar dinheiro ou tempo, acessar um serviço melhor, ser mais sustentável ou permitir relacionamentos mais estreitos com pessoas e não com marcas”. (BOSTMAN e ROGERS, 2011). A economia sustentável propicia àqueles que não possuem um bem durável a alcançá-lo, mesmo que temporariamente utilize um bem durável com melhor aproveitamento.

### **2.3 Relações de Trabalho na Economia Compartilhada**

Economia Compartilhada pode ser vista como possibilidade de transformação social e a conformação de um movimento anticapitalista, mas também um movimento engendrado pelo capital e colocado ao seu serviço simplesmente como mecanismo de contenção social. Assim sendo, a economia compartilhada seria apenas uma faceta do próprio capitalismo através do uso de ferramentas tecnológicas. (GANSKY, 2010; BELK, 2014).

Tome-se, por exemplo, a utilização de aplicativos num contexto de demanda, tendo como maiores nomes o Uber, Airbnb, ifood, 99, se dando através de uma intermediação de aplicativos e plataformas digitais. Pela vasta utilização e disseminação bem homogênea do Uber no Brasil, surge a terminologia uberização.

Quando se trata de Uberização, a empresa Uber é o que vem a mente, nada mais justo, pois a Uber foi a empresa emblemática, e também a que acabou por dar origem ao devido termo usado nos dias de hoje, embora a uberização não se restrinja à atividade da empresa Uber. Compreenda-se por uberização a prestação de serviço ou locação de bens com intuito não

---

<sup>2</sup> Para Campos et al, é o compartilhamento de estrutura física, mobiliário, custos de locação, serviços de telefonia, internet e secretária, bem como, de um endereço comercial, gerando um ambiente propício ao networking, a troca de experiências, o compartilhamento de conhecimentos, a participação de eventos e a programas de capacitação.

exclusivo à economia compartilhada, mas a angariação de verba para sua própria manutenção ou para que o bem não fique em desuso.

De um lado, o fornecedor de um bem ocioso que visa aumentar um pouco mais sua renda pode disponibilizar o mesmo e o cliente/consumidor do outro lado, podemos citar aqui um veículo como exemplo, pode locar este veículo temporariamente, seja para uma corrida exclusiva ou para uso próprio, a fim de que conseguir valores mais baixos enquanto o fornecedor pode oferecer serviços de carona diretamente para os usuários sem que seja necessário um vínculo empregatício com qualquer empresa de transporte, sendo a única ligação entre fornecedor e empresa um aplicativo digital.

Em um cenário de redução dos postos de trabalho, ou até de atividades produtivas que não garantem uma remuneração satisfatória, a venda de força de trabalho via aplicativos deve ser considerada não apenas mera opção do trabalhador, mas também resultado do contexto socioeconômico que condiciona à essas opções.

Como destaca Antunes (2000), sob o sistema do capital, o trabalho é esvaziado de sentido, uma vez que se torna uma atividade mediada para a produção de valor ao capitalista. Enquanto manifestação de fenômenos político-econômicos e culturais, os modelos de organização do trabalho se transmutam continuamente para dar conta das mudanças que ocorrem no “sistema de sociometabolismo do capital”, cuja tendência é sempre de expansão (MÉSZÁROS, 2011). Nesse sentido, as estratégias de controle do trabalho, para além das inovações tecnológicas, invariavelmente abarcam diferentes formas para a exploração da força de trabalho. (FRANCO; FERRAZ, 2018, p. 2)

No processo de trabalho sob os moldes da uberização, os elementos físicos do custo de produção necessário para desenvolver a atividade produtiva são transferidos/terceirizados para os próprios trabalhadores. Podemos enxergar a economia compartilhada na forma de uberização apenas como uma solução remediadora do desemprego visto o potencial de absorção de mão de obra não inserida no mercado de trabalho formal, e uma possibilidade de maior satisfação do mercado consumidor.

### **3 METODOLOGIA**

O processo metodológico é o que define que um conjunto de informações ou saberes possa vir a se tornar conhecimento acadêmico, pois, sem método não há estudo científico. Desta forma, esta pesquisa possui caráter básico e cerne quali-quantitativo, se utilizando de uma revisão literária através do levantamento de dados em plataformas como Google Acadêmico e Scielo para que fosse possível compreender a economia compartilhada, o pensamento sustentável e sua empregabilidade, bem como a realidade do pensamento coletivo no compartilhamento de bens.

Prodanov (2013) defende que

A revisão de literatura tem papel fundamental no trabalho acadêmico, pois é através dela que você situa seu trabalho dentro da grande área de

pesquisa da qual faz parte, contextualizando-o [...] Através da revisão de literatura, você reporta e avalia o conhecimento produzido em pesquisas prévias, destacando conceitos, procedimentos, resultados, discussões e conclusões relevantes para seu trabalho. (PRODANOV, 2013, p. 79)

Ela também possui caráter exploratório, uma vez que foi utilizado questionário com perguntas fechadas e escalonadas, aplicado através do Google Forms, devido a pandemia e questões de segurança dos participantes da pesquisa o formulário com as questões foi enviado de forma aleatória em grupos de whatsapp, para obtenção de respostas acerca do pensamento da economia compartilhada com cidadãos da cidade de Campina Grande - PB. Para Gil (2008)

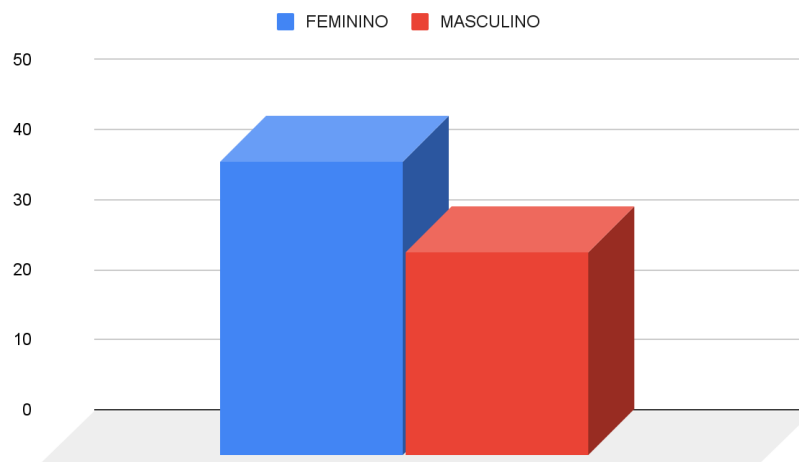
Muitas vezes as pesquisas exploratórias constituem a primeira etapa de uma investigação mais ampla. Quando o tema escolhido é bastante genérico, tornam-se necessários seu esclarecimento e delimitação, o que exige revisão da literatura, discussão com especialistas e outros procedimentos. O produto final deste processo passa a ser um problema mais esclarecido, passível de investigação mediante procedimentos mais sistematizados. (GIL, 2008, p.27)

Participaram, remotamente, da pesquisa 71 pessoas que responderam perguntas fechadas, sendo elas de múltipla escolha ou escalonadas, para que fosse possível compreender a compreensão desse grupo acerca de sustentabilidade e economia compartilhada.

#### **4 RESULTADOS E DISCUSSÕES**

Através da aplicação de questionário pelo Google forms, 71 participantes demonstraram um pouco da sua concepção e contribuição dentro do que é a economia compartilhada, sendo eles todos residentes de Campina Grande - PB. Para que fosse possível compreender um pouco mais desta amostragem de 71 pessoas, a primeira pergunta do questionário a qual foram submetidos foi acerca do gênero.

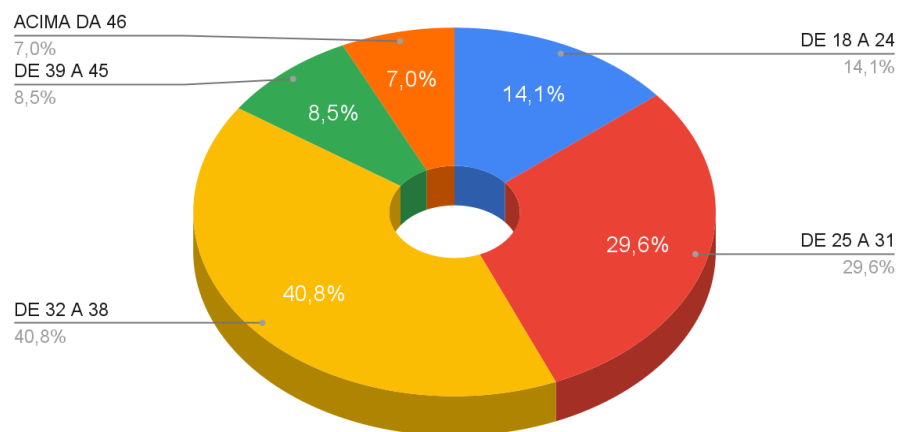
**Figura 1** - Gráfico acerca do gênero dos participantes



Fonte: Elaboração Própria

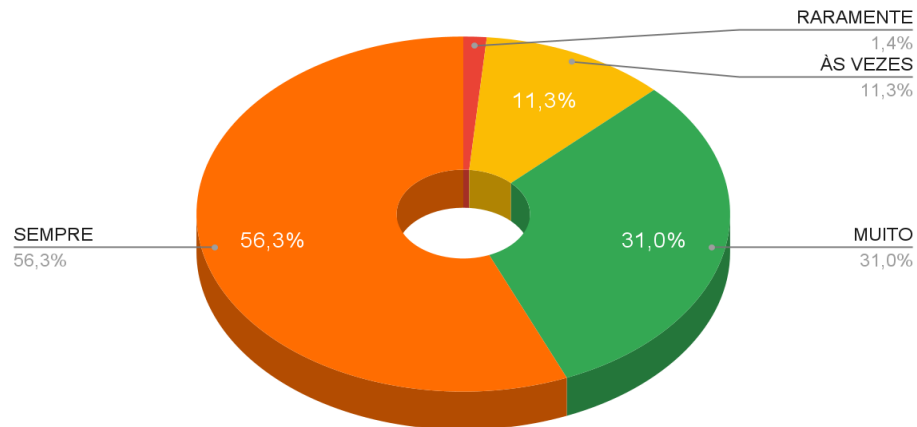
Dos participantes, 42 são do gênero feminino e 29 do gênero masculino. As questões subsequentes trataram de dividir os participantes em grupos de faixa etária e avaliar a inserção dos mesmos nas redes sociais.

**Figura 2** - Gráfico das faixas etárias



Fonte: Elaboração Própria



**Figura 3** - Gráfico de respostas acerca do uso de redes sociais

Fonte: Elaboração Própria

Tentando compreender a influência etária sobre o conhecimento e aceitação dos aplicativos que disseminaram a economia compartilhada no Brasil e, mais especificamente, na cidade de Campina Grande, é que se empregou no questionário uma divisão entre intervalos etários e sobre uso de redes sociais, uma vez que, grande parte dos aplicativos que influenciam a prática do compartilhamento de bens e reuso depende da tecnologia e de conexões de rede, porém não foi possível precisar qual faixa etária com maior aceitação à economia compartilhada dentro da pesquisa pois há uma discrepância considerável entre o número de participantes de cada grupo. Para precisar como se dá a aceitação devido a idade, seria necessário obter amostras em números iguais para cada grupo etário.

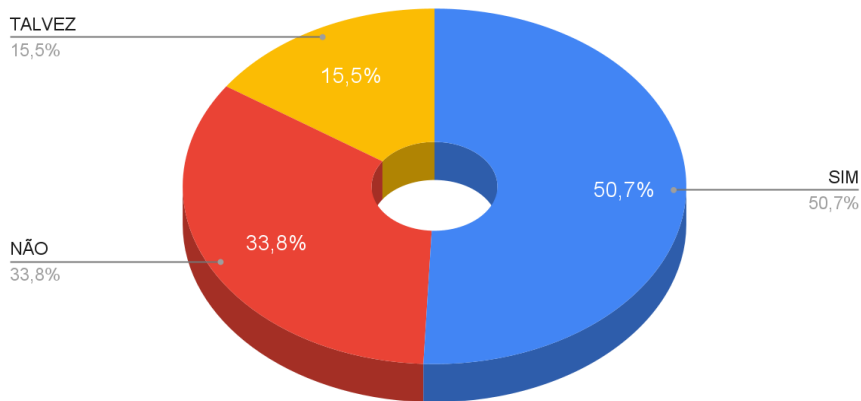
Ainda assim, Dantas et al (2020) defende que, os jovens estão mais propensos a utilizar-se da economia compartilhada, ora “Em geral, os consumidores jovens têm apresentado adesão ao movimento gerado pela economia compartilhada, uma vez que apresentam maior tendência a experimentação de novos conceitos e quebra de paradigmas.”

Em continuidade, às perguntas seguintes trataram de avaliar os conhecimentos dos participantes acerca da economia compartilhada.

Quando questionados, pelo menos a metade afirma ter um conhecimento da economia compartilhada. Dentre os que responderam “Não”, ainda sem o conhecimento do que viria a ser essa prática, houve, possivelmente, um contato prévio com essa modalidade, como será analisado mais à frente.

Todavia, mais da metade dos participantes optou pela alternativa “Conceito baseado no compartilhamento de bens e serviços alcançando objetivos como sustentabilidade e transformação social” onde o conceito do que viria a ser a economia compartilhada estava mais completo, devido ainda sua fragmentação em seu entendimento.

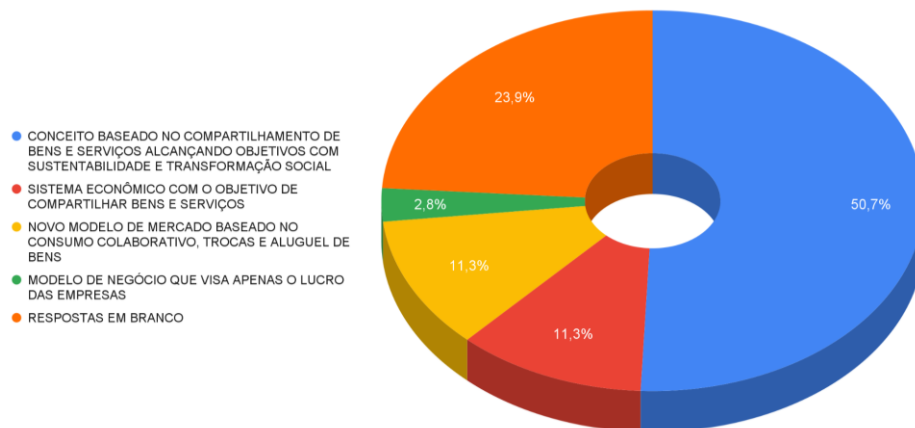
**Figura 4** - Respostas para “Você sabe o que é ou já ouviu falar economia compartilhada?”



Fonte: Elaboração Própria

Dentro da escolha das conceituações em relação a terminologia de economia compartilhada, 17 participantes (23,9%) escolheram se abster. Apenas uma pequena porcentagem acredita que esse modelo de negócio visa apenas o lucro da empresa, sendo esta parcela de 2,8%, o que deixa clara a difusão do compartilhamento na cidade de Campina Grande.

**Figura 5** - Das conceituações da economia compartilhada



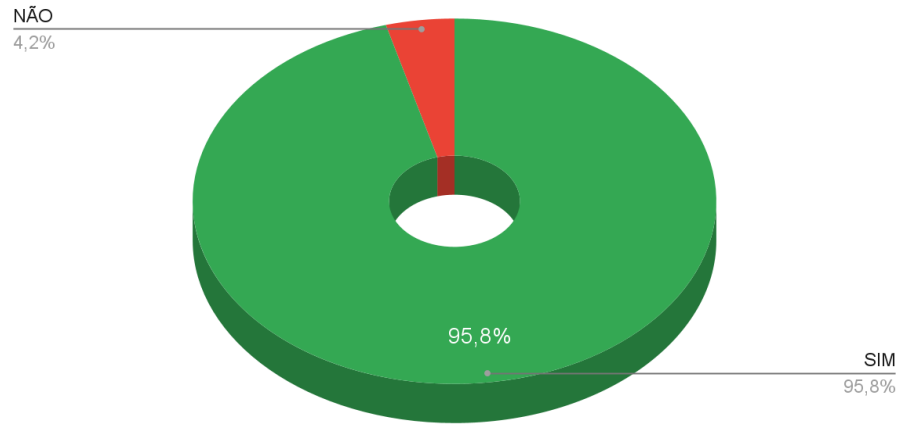
Fonte: Elaboração Própria

Empresas visionárias como Uber, Netflix e Spotify perceberam as mudanças no mercado, nas novas formas de consumo e tecnologias. Instituições como estas citadas são ao mesmo tempo prestadoras de serviço, fomentadoras de mercado e provedoras de plataformas, atualmente faturando no compartilhamento de bens e serviços não apenas no Brasil.

De acordo com a pesquisa realizada percebemos que grande parte dos participantes já fizeram uso de algum tipo de serviço que se enquadra na economia compartilhada, o que nos mostra a viabilidade da atuação desse modelo de mercado em Campina Grande-PB, bem como a adoção de tais tecnologias e plataformas pelos participantes da pesquisa que responderam de forma afirmativa a questão levantada, contudo, o conhecimento acerca da terminologia e o que

ela contempla ainda é inferior ao esperado, uma vez que o percentual de uso dos aplicativos é bem superior ao de respostas mais completas e contemplativas do que viria a ser a economia compartilhada.

**Figura 6** - Percentual de uso de aplicativos característicos da economia compartilhada

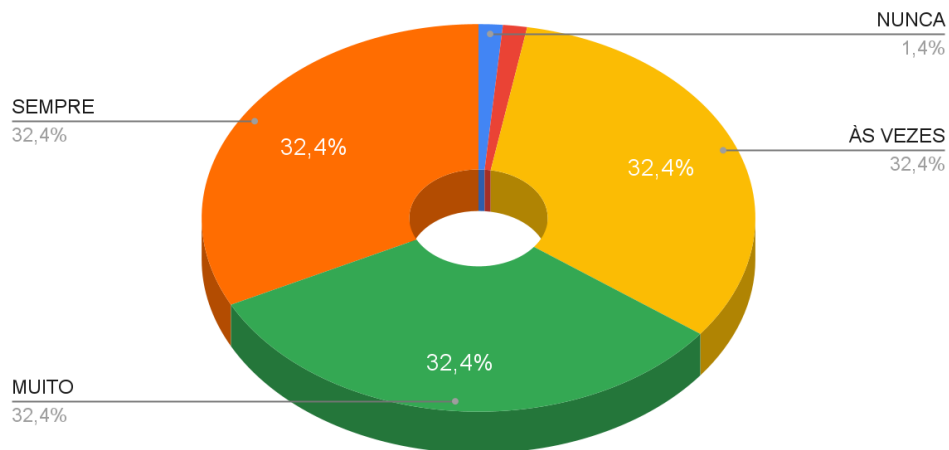


Fonte: Elaboração Própria

Após compreender que aplicativos como Uber, 99, Ifood, Airbnb, Spotify e até Coworkings fazem parte deste modelo de negócio e economia, quando questionados sobre a frequência do uso destas plataformas, apenas 1 dos 71 participantes afirmou nunca fazer uso.

Isso reitera a expressividade da Economia compartilhada na cidade e sua boa aceitação.

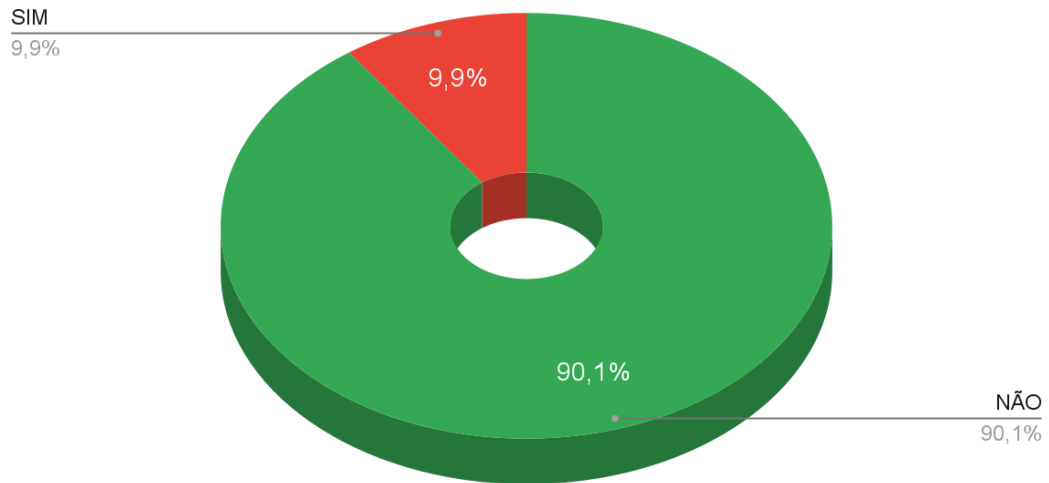
**Figura 7**- Frequência de uso de aplicativos categorizados como economia compartilhada



Fonte: Elaboração Própria

Em se tratando da utilização destes aplicativos para prestação de serviços, dentre as respostas, apenas 9,9% foram afirmativas o que reflete nos dois gráficos subsequentes, pois, dado o número de prestadores de serviços participantes da pesquisa a expressividade destes aplicativos para a obtenção de algum tipo de renda somatizou menos de 10% do grupo estudado.

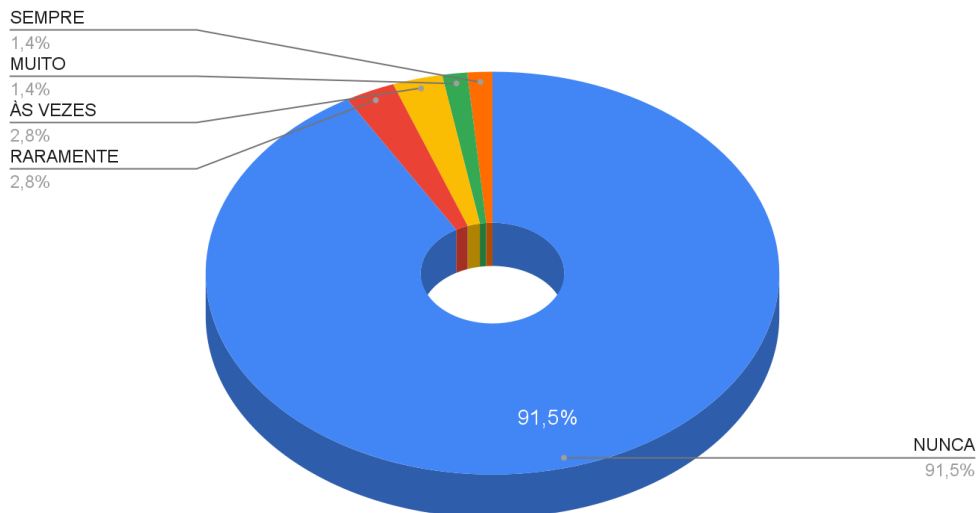
**Figura 8** - Você já prestou algum serviço através de alguma dessas plataformas?



Fonte: Elaboração Própria

O percentual baixo (9,9%) de pessoas que prestou serviços, pode não explicar o fenômeno de grande adesão da economia compartilhada, visto que os formulários foram disponibilizados para um público em geral, não foi direcionado para algum grupo específico.

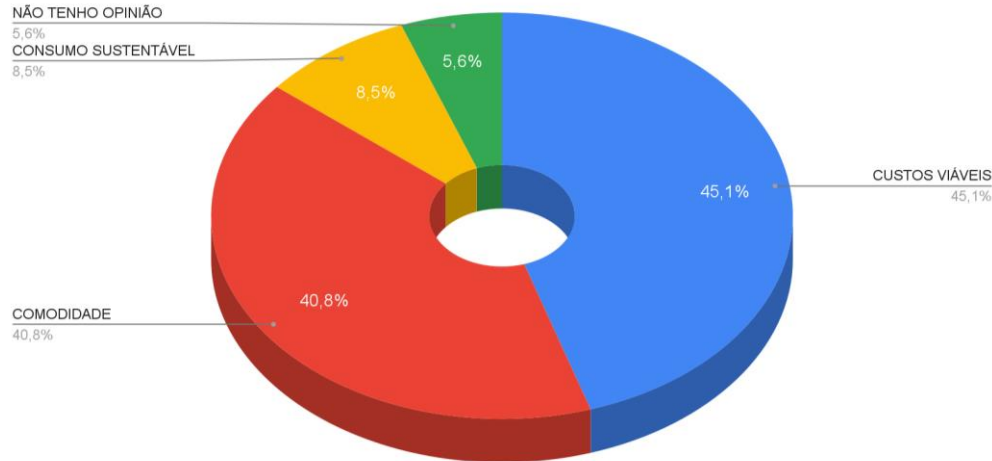
**Figura 9** - Gráfico sobre obtenção de renda através de aplicativos de economia compartilhada



Fonte: Elaboração Própria

Para Schor (2014), a participação nas atividades da economia compartilhada é motivada por fatores econômicos, ambientais e sociais, e varia devido a diversidade das plataformas e das atividades. O que encontramos como resultado da resposta quanto ao objetivo do cliente ao usar estes aplicativos é que a maioria das pessoas participantes da pesquisa buscam custos mais viáveis, ou seja, são atraídas pelo lado econômico da economia compartilhada, representando uma parcela de 45,1% das respostas, seguido por 40,8% respostas para comodidade. A sustentabilidade figura apenas em terceiro lugar, representada por 8,5% das respostas.

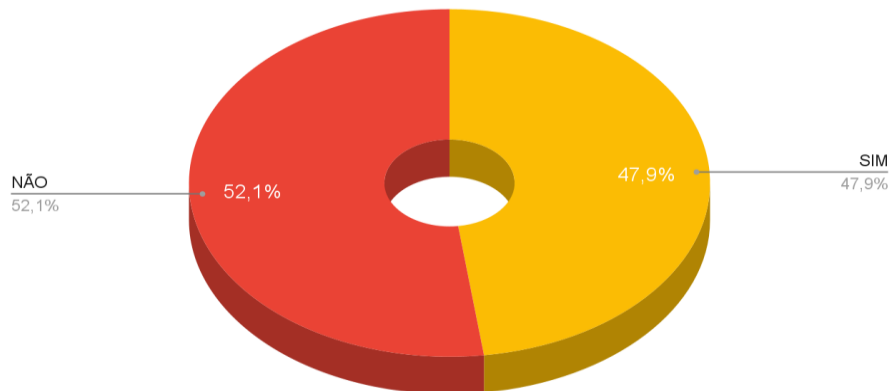
**Figura 10** - Objetivo da utilização destes aplicativos.



Fonte: Elaboração Própria

Acerca da utilização desses aplicativos para a troca ou venda de produtos ou serviços, mais da metade dos participantes afirmou ainda não ter ingressado nesse tipo de prática, muito embora 47,9% tenham feito.

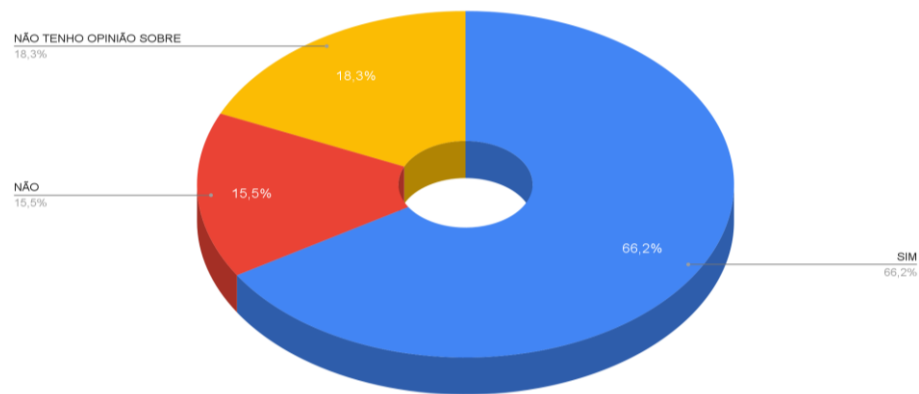
**Figura 11** - Gráfico sobre a venda ou troca em aplicativos de economia compartilhada



Fonte: Elaboração Própria

Porém, ainda com a maior parte dos entrevistados não participando diretamente deste tipo de prática econômica, os mesmos demonstraram que a crescente preocupação com o meio ambiente e produtos que possuam o selo verde já é uma realidade no cenário da cidade.

**Figura 12** - Gráfico de preferência ao selo verde



Fonte: Elaboração Própria

Isso confirma o pensamento de LEFF (2001) quando defende que "O discurso ambiental vai se conformando a partir de uma posição crítica da razão instrumental e da lógica do mercado, que emerge da natureza externalizada e do social marginalizado pela racionalidade econômica." reiterando assim o pensamento de que o meio ambiente e as ações humanas no decorrer das eras vem se moldando às novas práticas que contemplem a preservação e um maior conhecimento.

Outro aspecto interessante da economia compartilhada é a melhora contínua na qualidade de produtos e serviços, graças às avaliações dos usuários. Além disso, empresas que atuam nesse mercado também precisam garantir um alto nível de qualidade para se manter competitivas. Diferentemente de ações isoladas, a economia compartilhada tem um impacto maior por atingir toda a sociedade, mudando valores e comportamentos ao longo do tempo.

## 5 CONCLUSÃO

A economia compartilhada baseada em uma nova consciência pautada nas questões sociais visando a sustentabilidade, um setor econômico onde a aquisição não é mais tão importante quanto o acesso e tecnologias como ferramenta, onde o uso de plataformas digitais e aplicativos tem sido uma condição imperiosa de investimentos e planos estratégicos.

Podemos perceber na pesquisa realizada formada por um grupo de cidadãos de Campina Grande – PB, que dentre os entrevistados, os mesmo estão cada vez mais adeptos e atentos a questões sociais e sustentabilidade, e o que a Economia Compartilhada pode proporcionar, porém, em momentos de dificuldades e crises financeiras as quais enfrentamos atualmente os aplicativos e plataformas digitais demonstram sua capacidade como alternativa de custos mais viáveis para o consumidor em um momento de compra, dentro do grupo pesquisado o objetivo maior no uso dos aplicativos característicos de Economia Compartilhada visa um lado econômico e uma maior comodidade na busca de produtos ou serviços.

A economia compartilhada surge num momento onde as pessoas estão procurando bens e serviços mais acessíveis e a preços justos, usufruir de determinado bem ou serviço passa a ter uma condição mais vantajosa do que possuir.

Apesar dos benefícios que a Economia Compartilhada pode proporcionar em termos de consumo consciente, transformações sociais, sustentabilidade, entre outros, as relações de trabalho dentro desse novo modelo de negócio não é tão vantajosa ao trabalhador, os aplicativos e plataformas digitais se tornam uma alternativa ao emprego formal, a Economia Compartilhada acaba por se tornar um mecanismo de contenção social frente ao desemprego e uma faceta do capitalismo através de ferramentas tecnológicas.

## REFERÊNCIAS

ABRAMIDES, M.B.C.; Cabral, M.S.R. **Regime de acumulação flexível e saúde do trabalhador**. São Paulo em Perspectiva [online], v. 17, n. 1, p. 3-10, 2003.

BELK, R. **You are what you can access: Sharing and collaborative consumption online**. Journal of Business Research, v. 67, p. 1595-1600, 2014.

BERTI, E; BRUNETE, C.B. **Economia compartilhada e o confronto de ideais capitalistas**. 16º Congresso Nacional de Iniciação Científica, 2016.

BOSTMAN, R.; ROGERS, R. **What's mine is yours: the rise of collaborative consumption**. 1 ed. New York: Harper Business, 2010.

BOTSMAN, R.; ROGERS, R. **O que é seu é meu: como o consumo colaborativo vai mudar o nosso mundo**. Porto Alegre: Bookman, 2011.

CAMPOS, J.G.C.; TEIXEIRA, C.S.; SCHMITZ, A. **Coworking Spaces: Conceitos, Tipologias e Características**. V Congresso Internacional de Conhecimento e Inovação. Rio Grande do Sul, 2015.

CARVALHO, K.L. **Economia Solidária como estratégia de desenvolvimento: uma análise crítica a partir de Paul Singer e José Ricardo**. IPEA. Anais do I Circuito de Debates Acadêmicos. Code 2011.

CHASE, R. **Economia Compartilhada: como as pessoas e plataformas da Peers Inc. estão reinventando o capitalismo** (1a. Edição). São Paulo, SP: HSM do Brasil, 2015.

ELKINGTON, J. **Canibais com garfo e faca**. São Paulo: Makron Books, 2001.

FRANCO, D.S.; FERRAZ, L.S. **Uberização do trabalho e acumulação capitalista**. Cad. EBAPE.BR, v. 17, Edição Especial, Rio de Janeiro, Nov. 2019.

GANSKY, L. **The mesh: Why the future of business is sharing**. Penguin. 2010.

GLAVIC, P.; LUKMAN, R. **Review of sustainability terms and their definitions**. Journal of Cleaner Production, v.15, p.1875-1885, 2007.

GOUNET, T. **Fordismo e toyotismo na civilização do automóvel**. São Paulo: Boitempo, 1999.

HARVEY, D. **A condição pós-moderna**. São Paulo: Loyola, 1995.

HOYOS, A. **Boletim de inovação sustentabilidade**. Bisus - 2018 - E . C. PUC - SP. São Paulo. 2018.

LEFF, E. **Saber ambiental: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder**. Petrópolis, RJ : Vozes, 4º ed. 2001.

MENDES, F.S.; CERROY, F.M. **Economia compartilhada e a política nacional de mobilidade urbana: uma proposta de marco legal**. Textos para Discussão 185 Senado Federal, 2015.

NOVO, B.N. **Responsabilidade socioambiental**. Direito Ambiental. Conteúdo Jurídico, Brasília-DF, 2019.

OLIVEIRA, J.A.P. **Empresas na Sociedade: Sustentabilidade e responsabilidade social**. 2. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2013.

PIRAN, F.A.S., NEVES, C.T., SORDI, J.D.; Nunes, F.L. **A economia compartilhada e a percepção de seus efeitos por parte dos estudantes de uma instituição de ensino superior**. Consumer Behavior Review, 2 (Special Edition), p. 69-80, 2018.

ROHDEN, S.F.; DURAYSKI, J.; TEIXEIRA, A.P.P.; MONTELONGO, A.; ROSSI, C.A.V. **Consumo Colaborativo: Economia, Modismo ou Revolução**. Revista de Gestão do Unilasalle, 2015.

SARTORI, S.; LATRÔNICO, F.; CAMPOS, L.M.S. **Sustentabilidade e Desenvolvimento Sustentável: Uma Taxonomia no campo da Literatura**. Ambiente & Sociedade, São Paulo v. XVII, n. 1,p. 1-22 2014.



SCHOR, J. **Debating the sharing economy**. Great Transition Initiative, 2014.

## APÊNDICES

### Questionário sobre sustentabilidade e economia compartilhada em Campina Grande - PB

**1. Você é do sexo:**

masculino

feminino

outro

**2. Qual a sua faixa etária?**

de 18 a 24 anos

de 25 a 31 anos

de 32 a 38 anos

de 39 a 45 anos

46 acima

**3. Com qual frequência você faz uso de redes sociais (Facebook, Instagram, Twitter, Whatsapp, Telegram, etc)?**

Nunca

Raramente

Às vezes

Muito

Sempre

**4. Você sabe o que é ou já ouviu falar sobre economia compartilhada ?**

sim

não

**5 - Se respondeu SIM na questão anterior, assinale a alternativa que para você melhor define a Economia Compartilhada.**

Conceito baseado no compartilhamento de bens e serviços, alcançando objetivos como sustentabilidade e transformação social.

Sistema Econômico com objetivo de compartilhar bens e serviços.

Novo modelo de mercado baseado no consumo colaborativo, trocas e aluguel de bens.

Modelo de negócio que visa apenas o lucro das empresas.

**6. Você já utilizou algum serviço ou bem que se enquadre em economia compartilhada? (uber, waze, ifood, 99, netflix, airbnb, spotify, coworking, etc)**

sim

não

**7. Tendo conhecimento agora que aplicativos como Uber, Waze, Ifood, 99, Netflix, Airbnb, Spotify e serviços como Coworking fazem parte da economia compartilhada, você os utilizará com que frequência?**

Nunca

Raramente

Às vezes

Muito

Sempre

**8. Você já prestou algum serviço através de alguma dessas plataformas?**

sim

não

**9. Você obtém renda mensal/quinzenal ou semanal através de algum desses aplicativos?**

Nunca

Raramente

Às vezes

Muito

Sempre

**10. Quando utiliza esses serviços você visa:**

Comodidade

Custos mais viáveis

Consumo sustentável

Não tem uma opinião sobre

**11. Você já vendeu ou trocou algum bem através de aplicativos ou feiras online?**

sim

não

**12. Você dá preferência a utilização de produtos com selo verde (ecologicamente sustentáveis/corretos)?**

sim

não

Não tem opinião sobre